

CÓDIGOS DE HONRA: UM ESTUDO SOBRE ADOLESCENTES PRIVADOS DE LIBERDADE EM FORTALEZA - CE

CODES OF HONOR: STUDY ON ADOLESCENTES DEPRIVED OF FREEDOM IN FORTALEZA-CE

Rilda Bezerra

Mestra em sociologia pela Universidade Federal do Ceará, Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais - UFC, Bolsista da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal em Ensino Superior - CAPES e Pesquisadora do Laboratório de Estudos da Violência - Ceará - Brasil. 60020 180 - rildabezerra@hotmail.com

Resumo

Este artigo elabora uma etnografia do Centro Educacional São Miguel - unidade de internato masculina da extinta (FEBEMCE¹), local destinado ao cumprimento da medida socioeducativa de internação para adolescentes em conflito com a lei no Ceará. O objetivo do estudo propõe entender a rede de sociabilidade construída neste espaço, descrevendo seu sistema de valores ou *habitus BOURDIEU*² (1983 e 1989), relacionados à coragem, vingança e honra, enquanto referentes culturais inscritos na lógica do conflito com a lei.

Palavras-Chave: Honra, Adolescentes em conflito com a lei, Internato Masculino.

Abstract

This study elaborates an ethnography of the Educational Center São Miguel (unity of male confinement of the extinct Foundation of Minor Welfare - FEBEMCE). This space functions as unity of reformatory to teenagers in conflict with the Law in the Ceará. This investigation propose the comprehension of the constructed relations between the intern teenagers, pointing a system of codes and habitus, BOURDIEU (1983 e 1989), related to honor, courage and veageance as cultural reference that a dynamic of the orphanage.

Key-words: honor, teenager in conflict with the law, male reformatory.

1. O internato como cenário: rápida introdução

Historicamente, os espaços de segregação, a exemplo do Centro Educacional São Miguel, foram definidos como locais de residência, trabalho e lazer. O público interno, considerando-se a condição de viver sob o *estigma* da delinqüência, vivencia uma situação de *apartheid* social, levando uma vida fechada e rigidamente controlada. Conseqüentemente, todas as áreas de suas vidas (escola, trabalho, religião, esporte, lazer) passam a ser realizadas no mesmo espaço.

Assim como as prisões para adultos, os internatos são estabelecimentos sociais considerados na literatura especializada como "instituições austeras", ou seja, lugares de punição, edifícios, unidades, blocos de cela onde ocorrem atividades que objetivam a reeducação, ressocialização ou ressignificação de valores, com finalidade de devolver ao público interno hábitos de sociabilidade. Na sociologia, talvez, não exista uma forma adequada para sua classificação.

38 Sobre a origem dessas instituições, pode-se dizer que a "forma-prisão" existe antes mesmo de sua utilização sistemática nas leis penais. De acordo com Foucault,

Ela se constituiu fora do aparelho judiciário, quando se elaboraram, por todo o corpo social, os processos para repartir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los espacialmente, classificá-los, tirar deles o máximo de tempo, e o máximo de forças, treinar seus corpos, codificar seu comportamento contínuo, mantê-los numa visibilidade sem lacuna, formar em torno deles um aparelho completo de observação, registro e anotações, constituir sobre eles um saber que se acumula e se centraliza. A forma geral de uma aparelhagem para tornar os indivíduos dóceis e úteis, através de um trabalho preciso sobre seu corpo, criou a instituição-prisão, antes que a lei a definisse como a pena por excelência. (1987, p. 207).

A perspectiva de Foucault torna simples a compreensão acerca do caráter de obviedade que a prisão, como uma forma de castigo, assumiu historicamente, desde os primeiros anos do século XIX. É necessário, contudo, refletir em profundidade sobre a idéia de que a instituição-prisão também emergiu fortemente articulada ao próprio funcionamento da so-

cidade. Cabe indagar se foi mero acaso o fato de as leis sucumbirem ao intento de punir e aprisionar. Suponho que a idéia de progresso social e de educação dos valores alavancou a emergência das prisões. Da atualidade, pode-se dizer que, mesmo conhecedores dos perigos e problemas oriundos dessa forma de punição, não sabemos ao certo como substituí-la. Nesta perspectiva, aprisionar seria uma complicada saída, da qual não se pode ainda abrir mão?

Desde a origem das prisões, mais de um século se passou, entretanto, ainda justificamos frases e classificações como: "desviante", "bandido", "delinqüente", "marginal", *out-siders* etc. As modificações no sistema econômico e na própria cultura não redimensionaram a idéia de que o bandido deve ser atacado, banido, exterminado da sociedade.

Para BAUMAN (2005, p. 12), as mudanças e a modernização foram nefastas em formar uma sociedade produtora de "refugo humano", ou, mais propriamente, de seres humanos refugados (os excessivos e sobrantes, ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar).

Em outras palavras, pode-se afirmar que a modernidade significa, também, essencialmente, uma **crise aguda da indústria de remoção do refugo humano**. Utilizando-se da tese de BAUMAN, vale elaborar a seguinte hipótese: enquanto a produção de excluídos prossegue atingindo novos índices, o planeta passa a necessitar de locais de despejo e cada vez mais de ferramentas para a reciclagem de "lixo humano". Daí, talvez, o crescimento do número de internatos na atualidade.

Cabe destacar que o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal no. 8.069, de 13 de julho de 1990), na época de sua discussão, foi encaminhado como lei de proteção integral à infância e a juventude, no intuito de suprir uma demanda de reordenamento social, na qual não só as práticas individuais dos agentes sociais seriam redefinidas, como também as práticas institucionais, que se submeteriam a várias mudanças, de modo que se cumprisse, o mais aproximadamente possível, o "estatuto jurídico" de outra ordem, de outro tempo, um novo "código moral" das práticas objetivas e discursivas das instituições onde adolescentes em conflito com a lei seriam também os agentes do atendimento legal. Renasceu, assim, um antigo sujeito: crianças e adolescentes, agora constituídos socialmente à luz do E.C.A. (Estatuto da criança e do Adolescente, 1990).

No contexto dessas configurações e desafios, a extinta FEBEMCE, também se redefiniu como aparelho governamental, o qual foi adqui-

rindo atribuições de planejamento, coordenação, execução, acompanhamento e avaliação das ações de assistência social à criança e ao adolescente no Estado. Nesta lógica de redefinições, pode-se dizer que a aprovação do E.C.A constituiu um marco, um momento privilegiado para a Política de Assistência Social no Brasil, momento em que vários agentes e movimentos foram mobilizados com o objetivo de debater e propor mudanças para a área da infância e adolescência. Transcorridos mais de 15 anos de aprovação da lei estatutária, porém, é hora de fazer um balanço reflexivo, analisando em que medida essa conquista social, acompanhada de propostas socioeducativas para adolescentes em conflito com a lei, resultou na aplicação correta da lei e em instituições adequadas para privação de liberdade, assim como em mudanças nos valores dessa juventude.

No intuito de buscar respostas a estas questões, realizei pesquisa de campo em um dos internatos de Fortaleza. Adentrei os espaços e interstícios do Centro educacional São Miguel, na tentativa de entender seu cotidiano, as relações construídas neste espaço e as formas específicas de sociabilidade do universo prisional para adolescentes. Sobre a socioeducação, quero destacar, que comungo da seguinte tese: o objetivo primordial da aplicação de uma medida socioeducativa deve ser justamente a "reeducação" e o retorno do adolescente que cometeu ato infracional (homicídios, roubos, assaltos etc.) à sua família e comunidade. Daí, talvez, a necessidade do fortalecimento das medidas em meio aberto, cujo objetivo é superar a forte "cultura de internação" e aprisionamento repressivo que impera em grande parte dos órgãos governamentais e na opinião pública em geral. Eis aí o grande desafio para a área da infância e da juventude no Brasil, ou seja, a discussão de uma política pública de reinserção social para jovens em conflito com a lei, onde as instituições de atendimento sejam capazes de dar conta do atendimento socioeducativo de forma integral.

40

2. Entre ovelha negra e bom garoto: a vida no internato

Os adolescentes são encaminhados ao Centro Educacional São Miguel pelo Juizado da Infância e da Juventude em Fortaleza. Para os primários, a arquitetura do internato parece assustadora. Conforme relato dos próprios adolescentes, o ar prisional que cerca a instituição justifica o medo dos jovens novatos, principalmente pela altura do muro, duas

guaritas no alto dos cantos e as kombis timbradas, com escolta armada e as grades de proteção. Tal descrição teima em contradizer a inscrição Centro Educacional São Miguel, pintado em azul e branco na parede institucional.

A unidade de internação está localizada no bairro Castelão em Fortaleza, nas proximidades do zoológico público e foi construída em 1986, mas, apesar de ser situada na capital, parece demonstrar, por sua localização, o intuito de manter longe da visibilidade pública os jovens marcados pela condição social de delinqüente.

Em Fortaleza, as unidades de internação recebem adolescentes encaminhados de outras comarcas do interior do Estado, cuja faixa etária estabelecida pelo Estatuto vai de doze aos dezoito anos e, excepcionalmente, até os vinte e um anos de idade. Vale salientar que, atualmente, o Estado mantém 12 Unidades de internação, sendo quatro unidades no interior do Estado, todas específicas para semiliberdade (Crateús, Juazeiro, Sobral e Iguatu) e oito em Fortaleza, onde quatro são para sentenças de privação total de liberdade, incluindo o internato feminino, uma para semiliberdade, duas para internação provisória e uma utilizada como Centro de Triagem.

Durante a pesquisa de campo percebi logo nas primeiras incursões, que, ficar esperando em uma sala de atendimento técnico, que o educador "X" encaminhasse o adolescente "A" ou "B" para entrevista, não seria a melhor abordagem para desenvolver um diálogo, muito menos uma relação de confiança com os jovens internos. Assim, passei a assistir às aulas, participei das oficinas de produção de saneantes, iniciando conversações casuais enquanto as adolescentes produziam materiais de limpeza, panos de chão ou resolviam exercícios escolares. Acompanhei alguns adolescentes em seus desligamentos do internato, por ocasião da progressão para a medida de liberdade assistida. Comemos juntos, seguindo a rotina institucional. Fiz um catálogo fotográfico com as tatuagens dos adolescentes e observei os momentos de visita familiar. Andei pelo pátio da unidade atenta aos grupos em conversação e participei de algumas conversas em grupo. Foi durante as situações de observação em campo que surgiram oportunidades para conversas informais. Aproveitei esse tempo para entrevistar adolescentes e elaborar perguntas sobre fatos ocorridos durante o cotidiano do internato e, assim, foi possível mapear códigos de conduta e honra construídos neste espaço.

Foi durante as rodas de conversa, nas oficinas de trabalho (vassouraria, vime, saneantes etc.) que pude configurar a instituição de

lideranças no internato. Os critérios estabelecidos possuem características que vão desde a coragem e força física até a obediência aos códigos de honra.

Alguns depoimentos esclarecem essa questão e definem, também, como se constroem as formas de sociabilidade entre os jovens internos:

Aqui ninguém mexe comigo não, todo mundo gosta de mim, do diretor aos "menor" aí, até ajudo os instrutores, me considero respeitado, na boa. Mas, prá ser respeitado aqui é preciso respeitar. Eu não gosto de treta (gíria referente às brigas), nem de enxame (confusão). Sabe aquela briga na covardia? Um monte de abelha contra um? Isso não é comigo não. Também não deixo furo (dívida para ser cobrada, ou vingança), pois furo é vacilo, empenhou a palavra tem cumprir. O furão é caloteiro, diz que vai pagar uma carteira de cigarro com um maço e não faz. Olha, mas, também, não me considero líder não, nem laranja (aquele que assume a culpa de outro por medo, ou por interesse e proteção). Eu gosto de ficar na minha, sou considerado, sou "sangue-bom". Fico no meu canto, falo pouco e não costumo entrar em brigas, tento ajudar no que posso, resolvo as coisas na paz. Eu acho que aqui ninguém quer ficar por baixo, ser humilhado ou apanhar. Isso não é só aqui dentro não, lá fora é pior. (R.S.G., 17 anos).

42

A partir do depoimento acima, pode-se configurar tipos de lideranças e formas de conduta na unidade. Segundo a descrição dos internos, existem dois tipos de lideranças: uma **intelectual**, espécie de articulador, com poder de argumentar e negociar direitos junto à direção; outra constituída pela **força física**, aquele que coloca em prática planos traçados. Esse tipo de liderança, segundo relatos, não entra em briga prá perder, é um vingador, verdadeiro combatente a serviço da guerra, construído para manter a relação ambígua, ao mesmo tempo de proteção e perseguição existente no internato. Cobra pedágio, furos e dívidas, estabelecendo uma relação de respeito e proteção com os outros adolescentes, contudo, essa relação acontece mediada pelo medo e pela lógica da suspeita.

Assim, as descrições sobre o conceito de liderança encontradas no São Miguel, parecem seguir uma orientação weberiana tipológica ideal. Segundo Weber (1991), o tipo ideal é precisamente uma dessas descrições mentais que permitem, nas ciências, a mais rigorosa abordagem possível da realidade, mas é sempre limitada a um, ou a uns poucos aspectos dessa realidade. Desse modo, a construção de um "tipo ideal de

líder" pode constituir um facilitador metodológico, uma vez que a partir dessa definição é possível aproximar ou distanciar questões da realidade social do internato, através da seleção de características significativas e da combinação destas num quadro mental homogêneo, como: jovem em conflito com a lei, que praticou atos infracionais, privado de liberdade, rouba, mata, possui código de honra, corajoso, vingativo, temido, respeitado, violento, enfim.

De acordo com o adolescente (R.S.G., 17 anos), o líder intelectual traça os planos, mas nunca é encaminhado à Delegacia da Criança e do Adolescente - D.C.A. para abertura de Boletim de Ocorrência - B.O. por participação em rebelião. Esse tipo de líder, pode até articular o motim, ou fuga, contudo, quando percebe a situação fora de controle é capaz de se unir a direção para ajudar a conter a fuga. Por ser "considerado" e pelo respeito conquistado, ninguém questiona as atitudes de um líder intelectual.

Na opinião do diretor da unidade, alguns adolescentes até ascendem ao posto de monitor nas oficinas pedagógicas do Centro Educacional.

Tinha um adolescente aqui (L.N., hoje tá com uns 22 anos), ele era temido por todo mundo aqui, mas às vezes ele passava e dizia: eita! seu Joaquim, abra seu olho! O bonde tá passando. Ele falava em tom de brincadeira, em código, até entre os próprios meninos mesmo. Aí eu ficava mais alerta, às vezes era fuga, ou sobre droga que ele tava alertando...

Vale destacar que o porte físico nem sempre se constitui um pré-requisito para alcançar o posto de líder. Nesta lógica, o ato infracional cometido, pode dar destaque ao adolescente, principalmente se tiver uma grande repercussão social (assassinato de policial, traficante, assalto bancário com alta quantia de dinheiro). Tais crimes demarcam um perfil de adolescente em conflito com a lei, que, em sua trajetória foi capaz de transgredir regras de conduta, envolvendo-se com a delinqüência e o crime, ousando caminhar por uma vereda nada comum à juventude considerada "bem comportada" da atualidade. Tais jovens, geralmente, infiltram-se em gangues, cometem assassinatos e vinganças, lesionam outros adolescentes e matam desafetos e rivais de "treta (brigas referentes ao conflito com a lei) em nome da "honra delinqüente". Espécie de solidariedade marginal, instituinte de uma dinâmica que estabelece formas diferenciadas de perceber o crime.

Partindo dessa maneira específica de visualizar o crime, os jovens internos, também, estabelecem diferenças que marcam os papéis construídos no internato. Dentre estes papéis estão: o "sangue-bom", "laranjas" e "testas-de-ferro". Nesta perspectiva, o "sangue-bom", ao contrário do "laranja" e do "testa-de-ferro" deve ser respeitado, por ser merecedor da confiança grupal. Em caso de punição injusta de um adolescente considerado "sangue-bom", o verdadeiro culpado arca com a dívida de gratidão, no mínimo. Esse tipo de reconhecimento não se aplica aos "adolescentes-laranjas", que são desprezados por assumirem a culpa alheia por motivo considerado torpe: covardia, proteção, perdão de dívida, ou recompensa imediata (biscoitos, roupas de marca da moda, cordões de ouro etc.). A diferença entre o "sangue-bom" e o "laranja" é muitas vezes sutil, pois envolve a motivação que o levou ao ato. O segundo assume o ato em troca de vantagem, proteção e garantias, enquanto que o primeiro é alguém considerado "da paz", ajuda o outro sem esperar recompensa e merece respeito porque é solidário. Dessa forma, dispensa proteção, uma vez que é aceito em todos os grupos do Centro Educacional.

44 3. Coragem, covardia e vingança no internato

No São Miguel, a coragem e a esperteza são as virtudes dos líderes, consagrados muitas vezes como heróis pela capacidade de superar o medo e se lançar no enfrentamento do adversário.

Como em um jogo de provas, o internato parece também construir heróis. Jovens de coragem, assim como Ulisses, Aquiles, Teseu ou Heitor (heróis históricos, gregos e troianos). Para esses homens, heróis da epopéia homérica, a "bela morte" constituía consagração e glória, cujo preço seria pago com a própria vida do guerreiro que tombou no campo de batalha na flor da idade. Para eles, mais valia a vida breve e gloriosa do herói do que a longa e sem glória do comum dos homens.

Tais reflexões acerca da coragem ajudam a pensar sobre o sentido da honra enquanto virtude, ou "pseudo-virtude"? Para fundamentar essa reflexão, vale destacar que a honra como um valor, tanto pode ser caracterizada nas práticas de paz como de guerra. Cabe assinalar, contudo, que a honra de guerra sempre demarca o caráter corajoso, porém violento do vencedor ao final da batalha.

No internato, a coragem para se envolver na engrenagem do conflito com a lei também pressupõe a presença do medo, do ter algo a perder,

mas, acima de tudo a ousadia para enfrentá-lo e, assim, obter o respeito e a confiança dos demais internos. Dentre os adolescentes, uma das vitórias para se vangloriar refere-se ao ato de matar policiais, principalmente soldados da Polícia Militar em assaltos bem sucedidos. Por outro lado, um dos atos infracionais mais desconsiderado, quase inaceitável dentro desta lógica é o estupro ou morte de mulheres e crianças, conforme pode ser observado no depoimento a seguir.

Olha, estropador é covarde. Aqui na internação um homicida, assaltante, ladrão, traficante pode andar de cabeça erguida, mas..., (o adolescente fixa o olhar na parece e parece estar além do alambrado e do muro institucional) o estropador, ou o "mata bela" (gíria referente ao matador de mulheres e meninas, ou crianças do sexo feminino) vive com medo, perseguido, nas entocas, a negrada não dispensa não. Olha! respeitado mesmo é quem mata um policial safado (gíria referente a um desafeto, que possui uma rixa), ou um "cabueta" (gíria referente a alguém que perdeu a confiança do grupo, delator) tem mais peso que um assalto. Mas, também depende do comportamento do nego aqui, entende? Tem neguim que quando lá preso é uma coisa e lá fora é outra. Não pode deixar "furo". O furo é uma dívida que não foi paga, um calote né? Uma palavra empenhada que não foi cumprida. Aqui, se você disser que dá a sua mãe em troca, tem que dá. É palavra de honra. O estropador, eu acho que ele não é bem aceito pelo fato de ter tirado a inocência de crianças e ter medido forças com mulher, alguém mais fraco. Quer mostrar que tem coragem? Vai trocar bala com a polícia. Prá mim isso é sagrado. Eu já quebrei até filtro na cabeça de estropador aqui. (L.J.L.S. 18 anos).

No internato, não basta apenas afirmar a valentia e a coragem. Faz parte de um *habitus* construído a passagem por um processo de identificação grupal, com a demonstração de resistência, de competição, de quem "se garante" mais nesse universo. Para isso, é necessário participar dos rituais de batismo instituídos cotidianamente. Dito em poucas palavras: as cerimônias de "boas - vindas" são, portanto, constitutivas da lógica prisional.

Nas palavras de GOFFMAN:

...Os testes de obediência em instituições prisionais, manicômios e conventos podem ser desenvolvidos numa forma de iniciação que

tem sido denominada de "boas - vindas", onde a equipe dirigente ou os internados, ou os dois grupos, procuram dar ao novato uma noção clara de sua situação. Como parte desse rito de passagem ele pode ser chamado por um termo como "peixe" ou "calouro", que lhe diz que é apenas um internado e, mais ainda, que tem uma posição baixa mesmo nesse grupo baixo. (1961, p.27).

No São Miguel, tal processo pode ser caracterizado como uma despedida, ou um novo começo para a "carreira da delinqüência". O batismo no internato é intitulado pelos adolescentes veteranos como o "teste de fogo"³.

Assim, não basta simplesmente obedecer às regras criadas pelos grupos internos, mas, medir coragem através de um ritual que se inicia quase sempre com a desobediência às normas institucionais. Nestes espaços, como que não bastassem as humilhações sofridas (obrigados a pedir e importunar, insistir por algumas coisas, como por exemplo: permissão para realizar ligações telefônicas, atendimento técnico, troca de roupa, fogo para cigarro etc.), os próprios adolescentes ainda constroem a **lógica da suspeita e do cada um por si**, cujo exemplo extremo é a prática do batismo através de agressões físicas, quando alguns jovens são obrigados a surrar adolescentes recém-chegados para demonstrar coragem.

46

Da mesma forma que o tema coragem, a *vindicta* (vingança), também ilustra numerosas histórias de "pedágios"⁴ e "juros" cobrados em torno na palavra de honra, ou ponto de honra no internato. Os juros geralmente têm um acréscimo exorbitante, uma carteira de cigarros por um maço, uma garrafa de coca-cola por três e assim por diante. Tal fato pode ser evidenciado em alguns depoimentos:

Palavra é palavra, empenhou pague, prometeu tem de cumprir... Mas, alguns pedágios prá mim é desconsideração com o nego. Eu nunca paguei nenhum tipo aí não. Só, se esses covarde aí me matarem, porque eu num dou minhas coisas assim não. É injusto! O cara chega, tem as coisa dele (roupa boa, chinela de marca e tal), aí vem um gaiato tomar na marra. A primeira vez que eu cá aqui queriam minha chinela, mas eu não dei ora. Rolou foi péia, maior confusão, aí veio um chapa meu antigão aqui, aí "comeu o partido" por mim. (gíria referente a defender alguém, sair em defesa). (F. R. S. G., 17 anos).

Sobre a questão da honra no internato, cabe destacar, que, por tratar-se de um conceito difuso, caracterizado através de uma relação de antítese, ou seja, instituído a partir de um jogo de contrários, a propósito da figura do traidor e da vingança, do caloteiro (furão) e do cobrador do furo, a honra traz em si muitos perigos e contradições. Na lógica do "ponto de honra" é preferível morrer a trair, pois não existe esquecimento ou perdão para um delator na lógica do conflito com a lei. Desse modo, o furo é cobrado como uma marca de sangue deixada pelo inimigo. A vida para o delator tem um tempo curto ou intensivo, pois viver significa um negócio perigoso na lei da delação, viver é um descuido que prossegue, viver é ter a vida em sobresalto, uma vez que a desconfiança e a suspeita estão no cotidiano desses adolescentes. Nas falas dos jovens internos, pode-se perceber o rancor guardado, a espera do momento certo para a vingança.

Às vezes eu penso em sair daqui e mudar meu comportamento, mas tem uns caras que não deixam, entende? Olha, eu não consigo ver o cara que matou o meu irmão passeando, solto e ficar de braço cruzado. Já tentei matar ele não sei quantas vezes. A sede é tanta que eu detonei uns dez tiros nele, só pegou um e a peste ainda tá vivo. Faz quase três anos que ele tá solto e essa tal de justiça não faz nada. Ele matou meu irmão por causa de mulher. Meu irmão era respeitado, bom com as mulheres, aí matou ele... Mas, vão vir outras oportunidades, vou matar esse filho da p. (R.B.S., 16 anos).

Eu tenho uns "furo" aí prá cobrar. Quando eu era pequeno desconsideraram o nêgo, negócio de fazer o cara de mulher, mas vão me pagar tudim. Vou "lavar o peito", matar de um por um, só eu sair daqui. Pegaram o nêgo na maior covardia... (C.A.S., 16 anos).

A vingança perpassa quase todas as histórias dos adolescentes em conflito com a lei, povoando seus pensamentos, encarnada em seus depoimentos e no próprio cotidiano do internato. Nesse universo imaginário, a violência é percebida como uma rede de significados, que produz e reproduz não só ela mesma, mas, também os valores do nordeste e do sertão, enquanto territórios da honra; terreno onde o medo, a coragem e a vingança são os sentimentos expressos. Assim, a persuasão e a intimidação tornam-se os componentes que funcionam como engrenagem capaz de produzir o fluxo dos crimes praticados em nome da honra.

O adolescente para defender sua honra deve ousar desafiar os demais internos, demonstrando coragem para aceitar também os contra desafios. Este deverá enfrentar seus iguais nas trocas da violência; dá-se para convidar o outro a dar e desafiá-lo para levá-lo a desafiar, seja dene-grindo a autoridade que o outro exerce, seja atacando ou destruindo seu domínio. Porém, o fato de sair vencido não significa totalmente desonra, pois o desonrado carrega a insígnia do covarde, por ser considerado al-guém que se recusa a arriscar-se para defender sua posição dentro do internato. Entretanto, a gestação dos códigos de honra neste espaço, não pode ser vista apenas como um atentado ao direito conquistado pelo ou-tro anteriormente, mas, sobretudo, como uma questão identitária, gestada na raiz do conflito com a lei. Trata-se de um habitus capaz de relacionar indivíduos e grupos, que dividem os mesmos valores, as mesmas normas de conduta e as mesmas formas de ser e estar no mundo.

Para Jamous (1992, 140), a honra como um valor, também faz parte desse jogo de trocas instituído no espaço prisional, onde

48

a violência física é a forma de troca mais perigosa e a mais elabo-rada (...), não se entra nela facilmente. É preciso medir os riscos que se corre, mas também a glória e o prestígio que se pode inquirir (...), não há honra sem risco, sem enfrentar a morte (...), a vio-lência não é desordenada, mas regrada e até mesmo ritualizada.

Tal hipótese pode ser ilustrada com a etnografia de ISMAIL KADARÉ em **Abril despedaçado**, onde descreve a matança entre duas famílias na região montanhosa do norte da Albânia, onde um código de leis não escritas, o *Kanun*, rege a vida e a morte dos montanhese. Nessa região, o valor supremo é a honra. Em nome da honra famílias inteiras passam gerações a se matar, a "recuperar o sangue" em rituais infundáveis de vingança. O *Kanun* é um código de honra tão minucioso quanto cruel: determina quem matará e quem será morto, a posição do cadáver, o anúncio da morte, o velório, o funeral, o sepultamento da vítima, os prazos da vingança, as tréguas entre os clãs e as humilhações sofridas pela família até que esta recupere a sua honra: se a família A mata B, a B deve se vingar de A, a qual deve novamente matar B, e assim por diante. O único fim possível é a extinção das duas partes envolvidas. (2001, p. 141).

No São Miguel, os atos infracionais cometidos como "ponto de honra" destacam-se entre os adolescentes. Essa experiência, somada ao processo de identificação construído em privação de liberdade leva os

jovens ao aprendizado de novos "saberes operatórios⁵, ou seja, a uma forma de conhecimento e domínio operacional dos códigos de conduta, linguagem e honra da condição de delinqüente. Um tipo de poder que não deve ser entendido apenas como resultante da privação de liberdade, mas, sobretudo, como um mecanismo ou um dispositivo de natureza essencialmente estratégica e necessária à sobrevivência no internato.

Segundo FOUCAULT (1987, p. 230), as novas formas de saber e poder desenvolvidas em espaços prisionais são respostas às punições e castigos impostos pelas instituições penais. Nessa perspectiva é que os penitentes procuram exacerbar sua revolta e partem para o confronto através de rebeliões, motins e fugas das unidades. Em seus corpos, os jovens, também procuram representar os atos infracionais cometidos, sendo esta uma das funções da tatuagem, ou seja, exibição de coragem, vivência infracional e envolvimento com a polícia.

No dizer de FOUCAULT (1987, p. 230 - 231),

Eles levam consigo as insignias, seja uma guilhotina tatuada no braço esquerdo, seja no peito um punhal enterrado no coração que sangra (...). E, ao passar representam em gestos a cena de seus crimes, debocham dos juízes ou da polícia, gabam-se de malfeitos que não foram descobertos.

No internato, percebe-se nas rodas de conversa certo acordo mantido entre os jovens. O espaço da unidade representa o palco de uma violência normatizada, construída nas entrelinhas dos discursos, nos silêncios, nas linhas de fuga e principalmente nos pactos e alianças. Sobre isso, elaborei a seguinte tese: na verdade, os espaços segregados não sofrem de uma desorganização interna, ao contrário, a sociabilidade se gesta numa ordem de dominação tão opaca e sutil que é incapaz de ser facilmente percebida por aqueles que não fazem parte desse universo. Para os "enturmados", moradores do mundo subterrâneo, para os quais o estigma se institui como uma marca, a prisão representa um universo fortemente hierarquizado, que se organiza segundo princípios específicos de sociabilidade. Espaço onde as normas de conduta são claras e os acordos devem ser cumpridos tacitamente.

Na perspectiva de uma construção etnográfica, esta investigação buscou mostrar que a restrição do espaço físico, não necessariamente, conduz á desorganização. E, que prisioneiros, os homens como os demais primatas (gorilas, chimpanzés, orangotangos) criam novas regras,

desenvolvem novos tipos de sociabilidades, delimitam espaços territoriais e constroem novas subjetividades. Ao fim deste artigo, ainda são tecidas considerações finais acerca dos códigos de honra gestados no internato, apresentando questões e paradoxos que estão a emergir em meio ao processo de construção da minha tese de doutorado em sociologia - UFC.

Para concluir

Na atualidade, a palavra "honra" parece estar em desuso acadêmico, sendo pouco estudada entre os que investigam a temática da violência juvenil ou as políticas públicas para a juventude. Seus códigos e significados, tomados aqui como objeto de estudo, encontram na "Antropologia das Emoções" a matéria-prima para a compreensão de um *habitus* e de uma sociabilidade específica do universo prisional para adolescentes.

Cabe destacar que a idéia de descortinar o universo imaginário do conflito com a lei, significa, também, entender como esses códigos se gestam nos dias de hoje, partindo da idéia de transposição de um tempo linear (presente, passado e futuro). O desafio é repaginar o velho conceito de honra, tão utilizado na Idade Média, época em que se delineou muito ligado à noção de vergonha, permeado por trocas de violência e pela defesa do sangue, ou seja, pela defesa dos laços familiares, quando as referidas trocas da violência resultavam, na maior parte dos casos, na morte de um dos participantes da troca, alguém que aceitava o duelo proposto, arquitetado para mediar à antropologia política e cultural nas sociedades mediterrâneas.

No internato, os códigos são múltiplos e as relações construídas se instituem também com as demarcações do conceito de honra. Lá se encontram os "laranjas", os jurados de vingança, líderes, testas de ferro e "sangue-bom". Nesse terreno contraditório se forjam também os "bandidos/heróis" contemporâneos, que orgulhosos de seus feitos enumeram atos infracionais na curta carreira da delinqüência juvenil: enfrentamento com a polícia, assaltos, eliminação de "cabuetas", o domínio do pedaço e, fundamentalmente, a banalização da vida pela coragem de conviver com a morte a cada momento. Por outro lado, os grupos gestados no internato, também estão ligados pela mais profunda lealdade; são companheiros da engrenagem da violência juvenil, ou cumpridores de uma vingança de sangue juntos. Também amam, cultuam religiões, gostam de chocolates, jogam futebol, dançam na chuva, cantam, constroem famíli-

as e participam da vida social, enfim. Partindo dessas considerações, alguns questionamentos estão a emergir em meio ao processo de análise, quais sejam: Que fundamento teria essa noção de honra para adolescentes em conflito com a lei? O que pensam acerca do próprio futuro? O que quer um jovem em conflito com a lei, afinal?

Bibliografia

BAUMAN, Zigmunt. *Vidas desperdiçadas*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*, Lisboa/Diefel - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA), Lei Federal 8.069, de 13 de julho, Brasília, 1990.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*, 13ª. Edição, Petrópolis: Vozes, 1987.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, 4ª. Edição, Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. 7ª. Edição, tradução de Dante Moreira Leite, São Paulo: Ed. Perspectiva S.A., 1961.

JAMOUS, R. *De que falam as espingardas?* In: *A honra*, Lisboa: Diefel, 1992.

KADARÉ, Ismail. *Abril despedaçado*, tradução de Bernardo Joffily, São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*, Brasília, UNB, 1991, vol.1

Notas

- ¹ Fundação do Bem-Estar do Menor no Ceará: criada em 1968, objetivando a sistematização da Política Nacional do Bem-Estar do Menor, tendo em vista que o problema dos adolescentes em situação de delinquência ganhava dimensão social e exigia das autoridades e instituições competentes a modernização do sistema de atenção para a infância e adolescência. No ano 2000, a FEBEMCE foi extinta. A

velha Fundação ganhava agora a legalidade de Secretaria de Assistência Social, incorporando o estatuto de política pública de proteção e segurança social, com a finalidade de cumprir as exigências do E.C.A (Estatuto da Criança e do Adolescente). Atualmente denomina-se Secretaria de Trabalho e Assistência Social do Estado do Ceará (STDS).

- 2 Conjunto de disposições duráveis adquiridas ao longo do processo de socialização, que são produtos de múltiplas experiências, mais ou menos duradouras e intensas, em diversos grupos e em diferentes formas de relações sociais. Vide BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa/Diefel - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- 3 Teste de fogo: espécie de prova criada pelos jovens internos para comprovação de coragem. Tal prova, pode ser caracterizados por ações de força física, desde uma participação em rebelião, fugas, motins, ou mesmo empenhando a palavra em assumir atos infracionais alheios, ou ainda, coragem para obedecer às ordens dadas: pegar um técnico ou instrutor como refém e desencadear uma fuga em massa. A comprovação de coragem, também, pode ser realizada a partir de um ato de vingança, vindicta, pela aceitação de um contra - desafio de um rival, que os adolescentes chamam de "cobrar o furo".
- 4 Pedágio: preço cobrado pelo ingresso e proteção no internato, muitas vezes pago com roupas de marcas da moda (bad boy, pena etc.) e chinelo (Opanka, Kenner), cigarros, ou outras coisas. Vale ressaltar que os jovens não ficam com o dinheiro ganho nas oficinas de trabalho. O dinheiro pago com o trabalho é enviado para a família, na maioria das vezes, ou compram o que precisam (coca-cola, biscoito, materiais de higiene diferentes dos que são entregues aos jovens pela instituição). Alguns adolescentes acumulam todo o dinheiro em caixa, durante o período de internação, recebendo-o totalmente quando são desligados da unidade.
- 5 "Saber operatório: forma de saber materializado, prático, instrumental, necessário à sobrevivência nos espaços de constante vigilância e privação de liberdade e que se articula como peça fundamental de um dispositivo político e institucional. Vide FOUCAULT, M. Vigiar e Punir, História da violência nas prisões, 13ª. Ed., Petrópoles, Vozes, 1987.